

Um sim bem dito

Rafael José Masotti

Um sim bem dito, uma suspeita leve e uma vontade tensa, dentro de Fred. Muitos e tantos dilemas. Que não tinha pai era fato, do resto, apenas suspeita-se.

Gabriel

No quarto.

Era noite, e após o banho, Fred falará:

– Hoje foi quase, quase.

Eu sonolento, fingindo interesse:

– Sério?

Senta-se de frente para mim na cama, molhado ainda, pega a cueca branca que colocará em instantes e segue contando-me de sua relação com uma menina que acabara de conhecer, por quem andava excitado. Segura a cueca nas mãos (indignado com a resistência da suposta virgem), colocando-a demoradamente. Acende um incenso e com o incenso um cigarro de maconha. Me oferece. Eu recuso. Insiste. Recuso novamente. Nos minutos seguintes falará sobre a falta que anda sentindo de sua casa enquanto me desperto aos poucos. Sempre, ao sair do banho, à noite (seus banhos eram sempre à noite), teria algo a me dizer, o que pode sugerir que me queria olhando para ele, nu, enquanto colocava suas roupas. A coincidência tem seu espaço no mundo e é sempre causadora de grandes dúvidas. Eu procurava não olhar, e não olhava mesmo, como os homens que se banham um ao lado do outro naturalmente (?) nos vestiários dos campos de futebol ao mesmo tempo que falam sobre a partida passada ou seguinte, ou sobre a última vez que tomaram vinho chileno.

Trips: not bad ones.

Aos vinte e um anos de idade, Fred tinha transado muitas vezes. A frequência *muitas vezes* ele deve à sua segunda namorada, Ana, com quem durante cinco ou seis meses

transou, muitas vezes. Além disso, do que contava, foram raras as trepadas, sem que se fale nas muitas quase trepadas, dezenas de chupadas, centenas de lambidas e é natural, de suas incontáveis, diárias, estimulações de si mesmo. Dizia que desde o início da adolescência nunca mais tivera relações com outros meninos, e não, eu não sou gay, embora assumisse suas sensibilidades e agisse de forma suspeita em alguns momentos. Retomo o episódio No quarto. Quinze minutos depois, eu já estava totalmente desperto. Sentado na cama, enrolado no lençol, converso com meu amigo que faz suas trips que não são nada bad e, agora assim, consciente, de mim e de seu alto nível de abstração, sinto-me como se estivesse vendo as intimidades de alguém que não me vê, invadindo seus segredos, e com muito prazer. Lembro-me das inúmeras noites que fumamos juntos, e sei então como me olha e, principalmente, como não me olha, o que me convence mais. E agora, somente agora, admiro-o de forma diferente, confusamente.

Fred

Gabriel não tinha mais receio que eu. Algumas vezes não fumava comigo, e nessas noites, ficávamos mais próximos. Eu, com 21 anos, no início do curso de História e, somente sob efeitos, falando seguro de mim, querendo-o para sempre ali. Ele era um desses efeitos. No quarto ao lado morava um outro menino, com quem conversávamos pouco. Éramos nós três naquele pequeno apartamento. Gabriel e eu dividíamos um dos quartos, e o que restava ao lado era ocupado por Oriel, que ouvia David Bowie exaustivamente, tinha morado na Europa, era da Belas Artes e sobre quem comentavam muitas coisas. Estávamos todos ali há exatos quatro meses, e daqui a alguns dias, iniciam-se as férias e Oriel voltará para a casa de seus pais. Fred e eu ficaremos sós umas duas semanas mais, pois combinamos conhecer alguns lugares próximos daqui.

*

Sexta-feira, 05 de Dezembro, Oriel volta para a casa de seus pais logo pela manhã.

*

Gabriel

Eu em casa e ele chegando. Na cabeça, o filme que veríamos, o vinho comprado, o que a Fred contaria quando chegasse, *Querelle*, um amigo distante, “La Bonne Chanson”, e

ele chegou em casa na primeira noite em que estaríamos sós no apartamento. Esbarrando em tudo, me mostrará a mala nova que comprara. Eu sabendo que a excitação não era pela mala, e ele que eu não estava concentrado em *Onde andaré Dulce Veiga*.

– Eu aluguei um filme.

– Eu também.

– Qual?

Não era o mesmo.

– Eu trouxe um vinho.

Não respondo que já temos um vinho. Atrapalhado, abro as janelas, acendo mais um incenso, enquanto tocará nos próximos minutos uma banda irlandesa, e depois outra e depois uma islandesa, até que me canse e coloque um clássico, até que me canse e desligue o som. Enquanto toca a primeira banda irlandesa, tomo banho. Na segunda, Fred toma o seu. Nos falamos no quarto ao som da islandesa, e em seguida, na sala pequena, coloco a música clássica. Fred vestia shorts apenas, devido à noite quente, ao passo que eu visto uma camiseta branca e uma calça dessas leves de pijamas, enquanto ligo o ventilador da sala. Comeremos qualquer coisa, e sentiremos um grau elevado de ansiedade entre nós. Eu já havia saído com outros meninos, mesmo depois de conhecer Fred. Sei do que se trata e não negarei o que sinto. Do canto desafinado há de nascer uma ópera, e da minha ousadia a nossa felicidade.

Fred

Estudante do curso de Psicologia, Gabriel tem 19 anos. As nossas Faculdades ficam no mesmo departamento na Universidade (Faculdades de Filosofia e Ciências Humanas), o que possibilitou que nos conhecêssemos. Havia momentos em que ele me dava as mãos e me levava a lugares aonde nunca chegaria sozinho. Por essas estradas desconhecidas eu tinha cada vez mais curiosidades, e em cada parada meu guia era meu destino.

Gabriel

Na sala

No centro da sala, uma mesinha de centro, madeira barata, e em cima dela uma Polaroid. Colocamos a música clássica mais alta, fumando os dois, bebendo o vinho de Fred que recebe a notícia *temos ainda outro vinho para mais tarde*. Cada um com seu copo fazendo o seu sex appeal. Ele adorando ser fotografado. Brincamos de continuar a história, e ele começou uma muito trágica sobre as humilhações de uma paraguaia que morava em Buenos Aires e que fugiu de casa, foi para os States porque queria ser atriz, acabou passando fome lá – uma coisa horrorosa – deu uma passada pelo Brasil, fez filme pornô aqui na época da ditadura, (companheira de cena nem falo de quem), e ainda foi morta a tiros na ponte da amizade enquanto estava sendo deportada para o Paraguai. Rindo, com muita maconha no pulmão, vinho no fígado e vontade no coração, ainda no início da noite, preendi os braços dele dizendo quero que olhe para mim. Vamos parar de rir aos poucos e de repente não sei mais o que ia dizer. Não direi nada. Fred vem na direção de minha boca vorazmente, põe as mãos em minha nuca, e me diz lábio a lábio, que sim, que olhará para mim. Me abraça e agora sua boca já se encosta na minha e de repente o olhar dará lugar a um beijo longo e de desejo. De olhos bem fechados, e dentro do beijo, primeiramente um barulho de silêncio ou de ouvidos tampados, ávidas esperanças. Em outros níveis, o alívio das guerras passadas. No corpo, o impulso de descer as mãos em seu sexo.

Sábado, dia 06 de Dezembro.

Da falta de lucidez, seriam as razões dos acontecimentos daquela noite, desconfiou-se. No dia seguinte, Fred despertou primeiro. Por volta de 11 da manhã despertarei eu. Tenho a impressão de que não desliguei o rádio. Lembro-me que sim, confiro, sim eu desliguei o rádio na noite passada. Na sala, Fred está deitado no tapete, olhando as fotos tiradas. De dentes escovados e cara lavada, depois de conferir o rádio, penso rapidamente se me deito ao seu lado como um amigo e vejo as fotos descontraidamente, se preparo um café e espero que venha, me abraça e fale de nós, ou ainda se preciso temer que fale doidamente *eu estava fumado e não sei se você, mas espero que entenda que*. Para a última alternativa eu não daria a mínima depois da noite que tivemos, e não dei. Olhei para ele que me mostrou uma foto em que estávamos juntos, bem juntos. Não

comentávamos quase nada, o que nos aproximava. O sábado todo, e a noite do sábado, assim, quase calados, como a reação do impacto do encontro de alguém que não se esperava. É claro que em *quase calados*, descontam-se os ensurdecidores gritos de prazer, três ou quatro declarações, poemas guardados para esse momento e ainda outras frescuras. Compreendendo o que se passara e as alegrias que haveriam de vir, de repente, compulsivamente, falamos falamos falamos falávamos falei falou e falamos falamos falamos e sim claro sem dúvidas vamos sim ficar juntos: sim. Sim, sim.

O telefonema.

Fomos ao teatro e vimos *Por Elise* no domingo à noite. Ao chegar em casa, o telefone toca, Fred fala por um tempo com sua mãe, e me contará então detalhadamente sobre *oi filho você está bem e Gabriel como está sei o Dan está um pouco doentinho queria tanto você aqui eu sei eu sei você tinha mesmo falado mas convida ele e passem os dias aqui claro eu acho tem as cachoeiras a fazenda do tio e o Eric voltou também de São João está de férias todo mundo perguntando quando você volta o Dan dorme comigo o Gabriel pode dormir no quarto com você o que acha depois na semana que vem ele volta direto para Mariana isso filho seria ótimo vem filho vem*. Na segunda de manhã, saímos de casa, eram dez horas da manhã, rodoviária e em seguida Ouro Preto. O ônibus chega à plataforma, no bagageiro as malas, e sentaremos juntos, e de repente a longa estrada, e o tempo, as muitas paisagens, e a música toca no meu Ipod, masco um chiclete, e olho para além das janelas. Fred começa a cochilar encostado em mim. Logo chegaremos.